

# Sociabilidade e lazer no cotidiano de migrantes nordestinos

Dulce Maria Tourinho Baptista \*

**C**aptar e textualizar algumas das relações sociais do migrante nordestino em São Paulo através do seu cotidiano, enfocando os aspectos vinculados à sociabilidade e ao lazer, é o desafio a que este artigo se propõe<sup>1</sup>.

Procuraremos reconstruir aspectos da vida cotidiana do migrante nordestino em São Paulo tomando como universo de análise a favela do Jardim Colombo, cujos moradores são, em sua grande maioria, migrantes nordestinos. Esta favela é uma extensão da segunda maior favela da cidade de São Paulo – Paraisópolis – situada na zona sudoeste da cidade, em uma região de grandes contrastes sociais, pois tem no seu entorno o bairro do Morumbi, considerado como o local de residência da elite paulistana.

## SOCIABILIDADE E LAZER NO COTIDIANO DA FAVELA

O lazer sempre foi expropriado, negado e escamoteado na nossa sociedade tão condicionada ao trabalho. Entretanto, vêm-se redefinindo no mundo atual as relações

sociais capitalistas e o tempo livre, com isso gerando novas relações. Modificou-se o uso do tempo em função da redefinição do trabalho enquanto necessidade humana. Os valores ligados ao lazer estão emergindo, podendo-se verificar o desejo e a busca de alternativas em que o migrante procura utilizar em seu proveito as horas livres.

Existem espaços de lazer e circuitos dos e para os nordestinos na cidade de São Paulo, fora do espaço da favela onde residem. No entanto, esses locais não são muito procurados pelos migrantes da favela estudada. Ocupam o seu tempo vago no desencadeamento de redes de sociabilidade no “pedaço”, ou seja, no entorno da própria favela, dentro do círculo da sua vizinhança, onde já moram os seus amigos e parentes. Observamos que o lazer do pobre na favela acontece conforme o constatado por Arantes (1993:73):

*“Entre os mais ricos tendem a ser mais freqüentes passeios, viagens, ir a bares, restaurantes, ou seja, atividades que tendem a colocar o indivíduo em esferas de relações mais impessoais; enquanto que os mais pobres referem-se mais fortemente a atividades em família, ao esporte e*

*outras que tendem a reforçar redes de relações primárias”.*

A construção social do tempo livre do migrante da favela resulta também do exercício das manifestações culturais de origem rural, das tradições religiosas, dos costumes regionais, também influenciados pela indústria cultural que penetra em todas as casas e instâncias da vida do migrante, formatando ideologias e fomentando o consumo em uma população de pouco poder aquisitivo.

O espaço de sociabilidade e lazer na favela é desfrutado em casa com a família, fora da casa com os vizinhos e no “pedaço”<sup>2</sup> com a rede de relações referentes a amigos e conterrâneos. A própria favela, nos finais de semana, é como se fosse uma grande praça onde todos vão para as suas portas conversar, cantar, puxar um pagode, pular corda, fofocar, brigar, jogar dominó, jogar uma sinuquinha, beber nos botecos encostados às suas casas. É no lazer que se tem a oportunidade de estabelecer laços de sociabilidade. É o momento do encontro, do estabelecimento de vínculos de amizade, do reforço das relações de compadrio, vizinhança, da construção e solidificação de redes que apóiam os

migrantes nas diferentes situações e dificuldades.

O uso do espaço social da cidade de São Paulo pelo migrante da favela é restrito, embora haja, na cidade, locais de lazer tipicamente nordestinos. O seu espaço social é basicamente a favela onde está o seu mundo privado: casa, vizinhança, igreja, campo de futebol, "buteco". Aí vivem a sua vida cotidiana, aí estão os seus espaços de lazer. Os outros locais de São Paulo, pelos quais transita, fazem parte apenas do seu "circuito", mas não do seu "pedaço" (Magnani, 1996). São eles: Hospital das Clínicas (HC), Rodoviária, Pinheiros. Entretanto, não é sempre que os freqüentam; só em momentos de necessidades vinculadas respectivamente à saúde, viagem, compras. Foi alegado distância, falta de tempo e de recurso como fatores que impedem usufruir mais da cidade. Muitos têm vontade de ir ao zoológico, solicitam até que se façam excursões para levarem as crianças, mas essas idéias não são viabilizadas. Entretanto, mesmo com o seu espaço social restrito ao "pedaço", o migrante nordestino valoriza os serviços que São Paulo oferece e, dentre eles, o mais enfatizado é o da saúde, onde colocam o HC como um serviço ímpar na cidade.

Na favela os marcos de referência são delimitados dentro do âmbito da própria favela que se constitui no núcleo do pedaço. Aí é onde há um maior ajuntamento, principalmente nos finais de semana. Estar nesse "pedaço" é morar e pertencer à favela, sendo que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdades que funcionam também como proteção, como diz Magnani: "...Pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois

*todo lugar, fora do pedaço, é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo". (1984:139)*

## ASPECTOS DA VIDA COTIDIANA DO MIGRANTE

Esta delimitação do espaço está bem presente nas relações desencadeadas na favela. Há pequenas subdivisões, de acordo com a turma e com os chefes que aí lideram, estabelecendo-se regras a serem respeitadas por todos que sabem, sentem e respeitam a presença do chefe na favela, conforme explica a pernambucana Maria:

*"Chega alguém para zuar (...) Aí vem dois e já manda. Porque tem um chefe aqui dentro. Faz-se alguma coisa ali e ele detona (...) Quando um chefe morre, chega outro. Ele não aparece, tem o 'pé de pato', é o que faz a limpeza na favela. Ele é pai de família, trabalha, é uma pessoa honesta. 'Pé de pato' é mais de um. Nessa favela e na vizinha é o mesmo tráfico, lá e cá. Lá é uma extensão daqui. Os chefes de lá são outros. São três. Mas tem chefes lá que são inimigos. Aqui tem três núcleos e cada chefe manda em um território, cada qual tem o seu espaço. Por exemplo, um chefe toma conta de uma repartição daí. Onde ele mandar, outro não pode dar ordem. O outro também não pode dar ordem onde não é área dele. Um respeita o território do outro. Exemplo: se esquentar para o lado de um chefe, se estourar a bomba, o outro não quer nem saber; o outro está livre lá, sossegado, não se metem, eles podem morrer. Entre eles é assim. Agora está co-existência pacífica, mas levou uma época que era guerra, violência. Teve uma limpeza aqui que eles se mataram todos. Quando um é jurado de morte pode arranjar o caixão ou então fugir.*

*Vão atrás. Tem muita morte porque pega droga e não paga".*

A transgressão às regras estabelecidas implica até em morte. Foi o que aconteceu, recentemente, com um rapaz, verdureiro, bem aceito e estimado na favela, mas que não obedeceu integralmente aos avisos de um dos chefes. Joana, do Rio Grande do Norte, relata o caso:

*"O chefe chega, conversa com você se você fez alguma coisa errada, ele avisa. O que aconteceu com o verdureiro que vendia lá. Ele anunciava a verdura. Se você sai daqui e vai vender na área deles, não pode. Se você vender mais barato é prejuízo com o vendedor de lá. Então ele chega lá e avisa. E aí o que acontece se você não obedecer, ele dá fim na hora. E a comunidade toda respeita, todos se sujeitam".*

As regras emanam dos chefes e têm que ser respeitadas. No seu espaço, cada um manda. Se algum barraco é roubado, o chefe obriga as pessoas que roubaram a devolver. Se não devolverem, mandam matar. Um outro fato é contado por Severina e aconteceu com o seu pai:

*"Meu pai veio de Natal e foi morar na favela. Só que a gente não falava com ele. Dava a bênção e saía correndo. Aí ele adoeceu e morreu. E como a gente nunca fomos visitar ele (...) Meu irmão foi, depois que ele morreu e quis ficar com o barraco, a casinha dele onde ele morava. Então o chefe veio e disse: 'Como que você quer ficar com as coisas dele se você nunca procurou ele. Você vai sair daqui agora'. Todos aceitam porque ele é o chefe. Ele ficou com as coisas do meu pai e passou não sei pra quem. Eu achei que ele fez certo. Tinha umas pessoas que ainda iam lá. Meu irmão só foi depois que ele morreu".*

Quem determina as regras para os moradores é o chefe. O que o direito

legisla pela lei formal de hereditariedade, não tem validade no âmbito da favela. É o direito privado, emanado do chefe, que é a lei e todos respeitam, silenciosamente, se querem continuar a viver lá. Assim sendo, é importante saber absorver e respeitar as regras de sociabilidade vigentes, estabelecidas pelos chefes, para viver e sobreviver na favela. No “pedaço”, desencadeiam-se as relações sociais de lazer e também de violência. É o local de moradia, vizinhança e onde se obedecem e respeitam essas regras de lealdade que congregam e atemorizam as pessoas, na construção de suas relações. No pedaço, todos sabem com quem estão falando. Desse modo, segundo Magnani (1984:139), o “pedaço” é o espaço e ponto de referência privilegiado para desfrutar o lazer e ele próprio é uma parte resultante dos laços de sociabilidade que o lazer estabelece e reforça:

*“Pertencer ao ‘pedaço’ significa poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os ‘bandidos’ da vila acatam. (...) A periferia dos grandes centros urbanos não configura uma realidade indiferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e social definidos por meio de regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações”.*

Nessas relações estabelecidas, o chefe torna-se uma espécie de dono da favela, assumindo a função de protetor local contra ameaças que julga desrespeitosas. Os moradores da favela o obedecem também por medo e desespero. Segundo Zaluar (1995:138), trata-se de uma proteção de bandido, enquanto defensor de uma inviolabilidade do território que ocupa. A relação é de ambigüidade entre os

moradores e o chefe, conforme analisa Sarti (1996:101):

*“Se no limite da afirmação de seu poder, ele mata quem ameace a sua vida e a sua liberdade, ele também protege os moradores, salvaguardando os valores do seu grupo, como a honra feminina, a proteção das crianças e o respeito pelos indefesos, mostrando uma generosidade e um desprendimento em relação ao dinheiro que justificam moralmente seu poder e a posse do dinheiro. Quando prevalece o interesse individual em detrimento dos deveres da ‘boa autoridade’, rompe-se drasticamente com as obrigações morais em relação a seu grupo e o que conta é ‘levar vantagem’”.*

A regra básica para morar na favela é obedecer as regras e não se meter com os negócios do grupo ligado ao crime. Se você sabe de alguma coisa, tem que parecer que não sabe de nada, não deve querer ver nada, pois ser “dedo duro” é considerada falta imperdoável, conforme diz a pernambucana Joana:

*“Quem vê alguma bandidagem e alcagüeta, pode ter certeza, não pertence mais a esse mundo, vira presunto logo, logo... Eles vêm e apaga a gente tudinho. Não se pode fazer isso”.*

Entretanto, nem todos na favela estão integrados a esses grupos. Diferenciar-se na favela é uma preocupação existente entre grande parte dos moradores. A filiação a uma religião ou ter emprego formal já exclui o seu morador dos grupos ligados às atividades suspeitas. Em outras situações, é muito tênue a separação entre o trabalhador e o bandido. Lena, na sua fala, procura explicitar, diferenciando-se:

*“Por exemplo, eu tenho as minhas coisas para vender, minhas panelas e minhas roupas; eu faço uma porção*

*de rolo, mas o meu trabalho é honesto. Mas tem muita gente que tem lá trabalho de cambalacho, de tráfico, de crack, são as pessoas que compram coisas de roubo e contrabandeadas. Por exemplo, vai uma turma, assalta um caminhão, tem as coisarradas lá e vendem. Para mim isso é cambalacho. Quando quero vender, vou e compro as coisas mais baratas e mais em conta no Brás e vou revender. É honesto.”*

Sarti (1996:98) analisa essa questão no seu estudo sobre a moral dos pobres:

*“Nem todos que transgridem as regras do trabalho e da família são considerados bandidos. Há nuances. Roubos e furtos eventuais não são suficientes para delimitar uma ruptura das fronteiras com o mundo da ordem. Estes expedientes, assim como o mundo dos bares, fazem o bêbado, o malandro, o vagabundo, enfim, os que não querem saber de responsabilidade e negam, assim, o trabalho, considerando coisa de otário. O problema está não somente em conseguir dinheiro sem se submeter à disciplina do trabalho, mas também em não se importar com o destino do dinheiro o que significa não levá-lo para casa como bom provedor, desconsiderar o projeto familiar (...) Um homem que consegue dinheiro por meios suspeitos, mas usa esse dinheiro para sustentar a casa e a família, é visto com alguma intolerância, considerado mal encaminhado, mas não alguém que tenha uma natureza ruim (...) A ruptura com o mundo do trabalho e da família significa a ‘passagem para o outro lado’, vincula-se ao crime organizado e ao tráfico de drogas...”.*

Essas fronteiras tênues entre diferentes sociabilidades são vivenciadas na favela em que os trabalhadores e bandidos são parte integrante. Assim sendo, aí criam-se

as regras de convivência e relativo respeito mútuo. Existe uma relativa aceitação dos bandidos, pelo fato de muitos serem filhos de amigos, outros cresceram junto com o seu filho ou são sobrinhos da irmã, ou trabalharam numa certa ocasião no mesmo local. Muitos entrevistados falaram da sua relação com “os chefes”, como José, migrante de Pernambuco:

*“O chefe da favela vizinha veio do norte junto comigo. Trabalhamos juntos como jardineiro no início. Depois foi indo e ele foi indo para essas bandas, foi ficando forte, e olha que ele é analfabeto. Está rico, tem padaria, restaurante na favela...”*

Uma outra moradora, Dina, do Rio Grande do Norte, fala também do chefe:

*“É uma pessoa que conheço desde pequenininha. Vi ele crescer comigo”.*

Diante do desemprego e falta de alternativas para sobrevivência, o temor pelo mundo do crime aumenta mais, pois percebem que, na injustiça e na desigualdade, muitos escolhem o crime como meio de vida, uma vez que este se apresenta como o caminho mais fácil. Essas redes sociais ligadas aos chefes e que são impostas no espaço da favela, diferem do teor das redes sociais construídas através de relações primárias, horizontais, com base na solidariedade, apoio mútuo, que, paradoxalmente, convivem no mesmo espaço, envolvendo os moradores da favela. A diferença básica de adesão ou não a essas redes, diz respeito à identidade que os moradores da favela têm ou não com cada uma delas. As redes ligadas à violência e ao tráfico, aos chefes e suas normas são impostas através do uso do poder e não existe a possibilidade de contestá-las. Nas redes sociais outras, as ações são compartilhadas na intimidade, com base nas necessidades e aspirações dos seus integrantes.

Desse modo, existem também no cotidiano da favela, além dessas regras ligadas aos chefes e à violência, outras regras de sociabilidade e solidariedade que são vividas pelos seus moradores. De início, os migrantes foram chegando, reivindicando a infraestrutura necessária como água, luz e, paralelamente, construindo suas casas e suas redes de amizade, vizinhança e sociabilidade, associadas à construção de uma identidade própria, ainda mais pelo fato da favela estar inserida em um bairro diferenciado, tendo no seu entorno uma realidade social diferente da sua. Os migrantes desenvolvem, assim, uma sociabilidade intensa em decorrência das suas necessidades. Existe ligação direta entre as casas; as janelas abrem-se para o vizinho, as pessoas cruzam-se constantemente nas ruas porque andam a pé, compram nas vendas, armazéns e botecos da própria favela, freqüentam as igrejas situadas no seu interior, as crianças estão na mesma creche, brincam na calçada, os moradores usam o mesmo orelhão comunitário, o fornecimento de gás é o mesmo, quando chove enfrentam as mesmas dificuldades, além de muitos dos migrantes serem parentes, compadres e do mesmo local de origem.

As relações de compadrio integram-se a esse elenco. Herdadas do nordeste brasileiro, Lanna (1995:199) diz que:

*“Quando uma comunidade qualquer surge, um grupo inicia a sua vida social, formando-se como comunidade, as pessoas se aproximam por laços de compadrio. O compadrio não é apenas um mecanismo para alargar ou intensificar as relações sociais mas um dos elementos fundantes da vida comunitária”.*

Essa é uma prática freqüente na favela. É querer se tornar parente das pessoas com quem se tem muita

afinidade, ou pelas quais se sente muita gratidão por auxílios prestados em momentos de dificuldade. Ainda analisando o compadrio, recorreremos à fala de Durhan (1973:200): *“O compadrio é uma instituição que formaliza obrigações recíprocas de natureza pessoal, e é adequada para estender as relações sociais para além da família, em sociedades baseadas em vínculos personalistas.”*

Quanto ao lazer, procurando resumir as atividades existentes na favela, transcrevemos a fala do presidente da Associação de Moradores, migrante da Bahia, que assim as descreve:

*“No lazer, o que temos é só o Centro Esportivo onde todos se juntam nos finais de semana. Então o lazer é só o esporte mesmo. Mas não dá para todos porque o campo é um só. No final de semana todos estão se encontrando, a criançada soltando pipa. Infelizmente não há recursos financeiros para ir ao cinema, ou ao zoológico, ou para ir para outro lugar”.*

É significativa a importância de um espaço e/ou uma praça que seja o símbolo da vida em comum e lugar de encontro da favela. Como ela não existe no interior da favela, pois todos os espaços já estão ocupados, o local privilegiado do encontro, da sociabilidade é improvisado nas próprias ruas da favela e/ou em uma praça próxima. Com relação a essa praça, assim a define uma entrevistada:

*“Tem o córrego, uns banquinhos, um balanço. É depois do bar do Paulo, onde tem o bilhar, as coisas típicas do norte em um armazém. Subindo, de frente está a pracinha onde dá muito pagode, mas também muito matador. É movimentada à noite; é onde tem tiro. Ninguém pode ficar ali à noite que é lugar de quem se envolve com tráfico, com drogas e lugar deles se esperarem,*

*um querendo matar o outro. Então, ali sempre acontece novidade. É o ponto de confronto”.*

Conforme a fala da pernambucana Lenilda, fica evidenciado que a praça é um lugar ambíguo, de encontro e confronto, simultaneamente. Nesse espaço da praça, assim como em outros pontos da favela, o lazer é intercalado com a violência. Daí, muitos moradores da favela não gostarem de transitar em todos os espaços. Têm o seu *pedaço*, sua área de sociabilidade delimitada, onde estão mais familiarizados e onde estão construídas as suas relações de amizade e vizinhança. Existem na favela diversos pontos freqüentados por diferentes grupos. Há também tipos diversos de bares: as vendas onde se encontra tudo o que comprar; os bares com bebida e mesas de jogo, todos freqüentados pelos moradores para lazer, bate-papo, entretenimento; e outro tipo de bar onde se reúnem os bandidos e onde se passa a droga. Quando o ponto fica “manjado”, ou seja, passa a ser suspeito pela polícia, passa para outro. Assim, o uso do espaço da favela para fins de lazer fica submetido às regras do “pedaço”. Caso essas regras não sejam respeitadas, os infratores correm perigo.

Apesar dessa violência os seus moradores orgulham-se de “conquistas” que têm na favela, diferente do mundo lá fora:

*“Dentro da favela, nós somos mais respeitados do que em muitos lugares ‘aí fora’; ninguém mexe no que é do outro, não se tranca nada, não se rouba a casa, não se pega mulher do outro. Eu mesmo vou trabalhar, saem todos, e deixo a porta aberta. Se acontecer uma chuva, ou outro problema qualquer, a vizinha vem acudir, ela já sabe...”*

Durante a semana, o tempo livre é passado mais no interior das casas, no

trabalho, com um grau menor de sociabilidade. No entanto, muitos que estão desempregados, circulam nas ruas da favela, fazendo “bico” ou outro tipo de atividade, sendo que em nenhum momento, as ruas deixam de estar repletas, em um incessante movimento. Mas é no final de semana que a favela explode de gente. Quase todos saem para fora de casa, procurando e praticando alternativas de recreação e entretenimento; os amigos encontram-se; reúnem-se solidariamente nos mutirões para terminar uma casa ou fazer um puxado; realizam-se festas de casamento, batizado, aniversários; a população masculina encontra-se nos bares e com tragos de bebida, jogos de dominó e bilhar fortalecem as relações de amizade e vizinhança; freqüentam-se os bares; intensificam-se as sociabilidades; executam-se torneios de futebol; realizam-se reuniões de associações comunitárias, os pagodes e outros sons musicais arrebatam em diversos botecos. A favela abre-se aos diversos ritos e festejos que os seus moradores celebram.

Desse modo, percebemos que o uso do tempo livre dos nordestinos na favela não está associado às inovações da indústria do lazer, que existe no urbano. Está vinculado ao modo de vida tradicional do migrante, à sua cultura e às suas tradições, não só porque procuram preservá-la, mas também pela impossibilidade de ter acesso às ofertas de lazer da cidade grande, em função de seu baixo poder aquisitivo.

O espaço de sociabilidade mais freqüentado é o “buteco”, onde os homens ocupam o tempo vago, do não-trabalho, tomando a sua “pinga” diária com os amigos, batendo papo e jogando bilhar. O consumo do álcool é muito grande na favela. Tanto homens como mulheres bebem muito, principalmente os homens que sempre

estão enchendo os copos nos bares, em cada esquina. O registro do uso do álcool apareceu em quase todas as entrevistas, com referências diversas. Sabemos que o álcool apresenta uso e padrões de consumo muito diferenciados nos diversos segmentos da sociedade. Cada cultura cria um espaço próprio para o seu consumo.

É preciso referir que a questão da bebida na favela é vista também como um elemento de sociabilidade, pois este hábito está presente nos encontros, no lazer de final de semana, nos encontros diários nos botecos, na hora do jogo de bilhar e em muitos dos momentos de festas e integração. Constitui a válvula de escape para as frustrações cotidianas. É o anestésico, “o remédio engarrafado”, mais abertamente utilizado para esquecer o problema, amenizando o sofrimento e as privações. No entanto, a utilização desse recurso leva a uma deterioração maior da dignidade da pessoa humana. A bebida apresenta-se, inicialmente, como uma opção de lazer, atenuadora das tensões do trabalho, da família, da inadaptação ao modo de vida urbano, mas logo depois transforma-se e degenera-se em vício.

Na favela estudada, o uso do álcool no cotidiano dos migrantes nordestinos - principalmente cachaça/pinga e cerveja, é muito comum. O seu uso exagerado está explicitado em diversas situações. No caso do João, da Paraíba, ele já está desempregado há vários meses, não consegue livrar-se do vício, fazendo com que toda a sua família se envolva com o seu problema. Mesmo em momentos de integração familiar, como a comemoração do aniversário da sua mãe, desencadeia brigas, mal-estar, como relata a própria aniversariante:

*“Hoje é meu aniversário, todo mundo se reuniu, meus filhos tudo, mas terminou em briga. Vim da Paraíba esse ano. Todos os meus filhos estão*

*aqui. Tem esse que bebe, e não tem jeito. Arranja emprego e sempre briga e sai. Já fizemos de tudo, ele bebe demais e não dá..."*

Percebemos que o consumo do álcool está muito próximo ao da droga. Um líder comunitário baiano, pertencente à Diretoria da Associação de Moradores, assim descreve o problema da bebida e da droga na favela:

*"A bebida é um problema e a droga também. Com o desemprego a pessoa acha que com a droga ou a bebida vai resolver, é uma fuga, uma saída momentânea, que anestesia e a pessoa vai, cada vez mais, se deteriorando. Para bebida temos um grupo de alcoólatra, na Paróquia; lá nós falamos, mas há só mais os familiares das pessoas envolvidas com o álcool. A pessoa mesmo não vai, ela sente vergonha. Só os parentes que sofrem com o problema é que vão."*

O lazer também é usufruído conforme a dinâmica da vida pessoal de cada um. Severina, dona de um supermercado na favela, vive os poucos momentos de lazer, em família. Dina já prefere o lazer desfrutado individualmente. Wilson, que trabalha como faxineiro, nos finais de semana tenta aproveitar ao máximo o seu tempo de lazer nos torneios de futebol ou pescando na represa Guarapiranga. Outros não gostam do lazer na favela e assustam-se com a violência e saem do trabalho para casa, da casa para o trabalho, sem a convivência comunitária, trancados dentro de casa. No entanto, o espaço mais significativo do lazer, que envolve um maior número de pessoas, competindo apenas com o tempo de lazer ocupado nos botecos com papo e bebida, é o futebol que conta com seis times e congrega muitos moradores.

É importante frisar que, no imaginário desses migrantes, o lazer

está vinculado ao trabalho. Quando o migrante chega ao urbano, tem forçosamente de desenvolver novas sociabilidades, em decorrência, principalmente, das mudanças de padrão de trabalho que sofre, de camponês para assalariado. Martins (1988: 59) diz :

*"Ele se insere em estruturas sociais imediatas contraditórias entre si. No lugar de origem, suas relações estão baseadas na produção direta dos meios de vida; no lugar de destino suas relações são mediatizadas pelo dinheiro e é por meio dele que elas adquirem um caráter social. Num caso, as relações são concretas; no outro são abstratas. Num caso ele domina o processo de trabalho; no outro, é dominado pelo processo de trabalho..."*

Isso vai refletir e interferir em todo o processo de adaptação às novas formas de vida e de trabalho. São novos ritmos, novos padrões de sociabilidade. Na vida camponesa o ciclo é ritimado pelo trabalho e pela festa. O lazer assume, assim, uma importância significativa na vida do migrante, pois ele não aceita, irrestritamente, relações de trabalho que comprometam e invalidem a dimensão do lazer. O lazer representa não só a necessária reposição de forças para o trabalho, como o momento propício para o desenvolvimento da sua cultura, independente da lógica de produção e do mercado de trabalho no urbano. Como o desemprego sempre ronda a sua porta, não lhe assusta perder o trabalho, e o migrante não pensa duas vezes entre a alternativa de sair do emprego ou abdicar de participar de um importante festejo, seja em São Paulo, seja na sua terra natal, como acontece por ocasião das festas juninas onde grande parte viaja ao nordeste para participar das comemorações. Tenta preservar a sua

autonomia até mesmo em detrimento da possibilidade de ocupar funções mais regulares, produtivas e com maior vínculo no mercado de trabalho.

Lefebvre analisa que o lazer assume o caráter de "divertimento" enquanto forma de ruptura, pelo menos na aparência, do trabalho e da vida familiar. Baseado em Lefebvre, Nasser (1996:6) enfatiza que:

*"A negação do trabalho pelo lazer pode ser lida, na crítica feita à vida cotidiana (pela via do cotidiano), como uma contraposição entre representações: a de necessidade à de liberdade; a de privação à de libertação. Isso porque é preciso que o indivíduo enfrente a carência e a falta, em suas condições materiais de existência socialmente determinadas, para ser levado a trabalhar. A privação cria nele, então, a necessidade, ao mesmo tempo em que lhe desperta a consciência dessa necessidade - e das demais por ela geradas -, fazendo emergir o desejo da liberdade de poder transformar sua vida..."*

Nesses aspectos, podemos perceber que nas representações dos migrantes estão presentes as desvantagens da subordinação e aceitam esse tipo de trabalho apenas como instrumento para a satisfação das suas necessidades e não como uma atividade realizadora em si. Isto está manifesto na vontade de sempre ir em busca de mudança de atividades que lhes dêem a independência do trabalho por conta própria, ou seja, a valorização do trabalho autônomo e a preservação do seu lazer.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A grandiosidade da metrópole torna possível às pessoas manterem facilmente uma forma de privacidade,

situação essa incompatível com a vida em comunidade. Contudo, a cidade permite também que as pessoas vivam a comunidade e a metrópole concomitantemente (Magnani, 1996). Assim sendo, nesse espaço de vida comunitária que os migrantes vivenciam nesta favela pesquisada da cidade de São Paulo, eles cultivam aspectos personalizados de sociabilidade, solidariedade material e afetiva no seu cotidiano.

Essa liberdade de viver a comunidade na metrópole traz em si uma ambigüidade. Representa, por um lado, a possibilidade de aprofundar os laços afetivos e as qualidades individuais dos migrantes, contribuindo para a construção da sua subjetividade, reterritorializando-os, refazendo-os no novo meio urbano, reelaborando a sociabilidade de origem e construindo novas relações. Por outro lado, esse viver cotidiano em comunidade, principalmente na favela, desencadeia formas de discriminação, estigma territorial, no âmbito das relações com a sociedade. Em outros espaços - sociais e territoriais - da cidade grande, onde interagem com o "diferente", além de apresentarem comportamentos dessocializados e despersonalizados, de modo geral, são discriminados por serem nordestinos e favelados. Nessa cidade polarizada e dividida, os pontos de mediação entre grupos diferentes são conflituosos. A recriação da solidariedade social acontece entre os iguais, na vida cotidiana, evidenciando entre os diferentes a violência e a polarização social crescente.

Na sociabilidade e no lazer cotidiano do migrante ele desencadeia táticas de sobrevivência como a das redes sociais. Essa é uma das alternativas que apóia os migrantes frente aos desafios que enfrentam. É um re-arranjo na busca de um equilíbrio cotidiano. As redes se

constituem em uma forma de resistência e mobilização social frente ao momento social que enfrentam, de privação, miséria, desemprego, carências, precariedade habitacional, onde subjuga-se e/ou desfaz-se daqueles que não têm lugar na nova partilha das riquezas no mundo.

Nessas redes enredadas no cotidiano dos migrantes, de base informal, envolvendo a sociabilidade e o lazer, podem ser vislumbrados modos diferentes, criativos, minoritários, dissidentes e de resistência. Envolvem a vizinhança, parentesco, amizade, compadrio, ou seja, espaços identitários e de construção de subjetividade no cotidiano.

Na crítica da vida cotidiana, o homem teórico deve buscar revelar o sonho, sem separá-lo da realidade, para aflorar o possível que se oculta na práxis cotidiana. Para isso ele deve descrever e analisar o cotidiano a partir de conhecimento/filosofia, para mostrar nele a sua dualidade, fecundidade, miséria e riqueza. (Lefebvre, 1991)

O migrante busca a emancipação - por viver a potencialidade de relação primária entre iguais e o desejo de melhorar de vida, pela capacidade de sentir as próprias carências e desenvolver o desejo e o potencial da ação em direção à sua superação - nas práticas do cotidiano. É na construção dessas novas formas de sociabilidade que o migrante trabalha em seu projeto de vida pessoal e comunitário. Anônimo na cidade, inventa o seu cotidiano (Certeau, 1996). Pela vivência da sua sociabilidade e lazer, articula práticas inventivas, "artes de fazer", astúcias sutis, táticas, resistências, nas quais ele vai alterando as relações sociais, reapropriando-se do espaço, recompondo-o, em busca da viabilização de sua vida.

\* Dulce Maria Tourinho Baptista é socióloga, doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP e docente na PUC/SP, UniFMU e UNIFIEO.

## NOTAS

1 - Este texto é fruto de uma pesquisa mais ampla, realizada no período 1996-98, sobre as redes sociais enredadas pelos migrantes nordestinos em São Paulo, a qual se constituiu em nossa tese de doutorado pela PUC/SP.

2 - *Pedaço*, termo criado por Magnani (1984), refere-se ao espaço em que se tece a trama do cotidiano e a prática do lazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio Augusto.  
(1993) "Horas furtadas - dois ensaios sobre consumo e entretenimento". *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas* - 27. UNICAMP.
- CERTEAU, Michel  
(1996) *A invenção do cotidiano - artes de fazer*. Rio de Janeiro, Vozes.
- DURHAN, Eunice  
(1973) *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- HELLER, Agnes  
(1972) *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LANNA, Marcos P. D.  
(1995) *A dívida divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- LEFEBVRE, Henri  
(1991) *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Editora Ática.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor  
(1984) *A festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor  
(1996) "Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, G. e TORRES, L. (org). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP/FAPESP.
- MARTINS, José de Souza  
(1988) *Não há terra para plantar neste verão*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes.
- NASSER, Ana Cristina Arantes  
(2001) *Sair para o mundo - trabalho, família e lazer na vida de excluídos*. São Paulo, Hucitec/Fapesp.
- SARTI, Cynthia Andesen  
(1996) *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Editora Autores Associados.
- ZALUAR, Alba  
(1995) "A essas pessoas a quem chamamos população de rua". In: *Caderno CEAS*, nº 151, Salvador.